

## PREFÁCIO

Este, o volume 40 do *Socialist Register*, foi originalmente concebido na primavera de 2001, consideravelmente antes do 11 de setembro de 2001, e muito mais da invasão do Iraque de 2003. Parecia-nos que uma limitação cada vez mais séria do pensamento socialista contemporâneo era a sua falta de ferramentas conceituais capazes de analisar a natureza do imperialismo de hoje, em vez de reciclar teorias desenvolvidas em uma etapa muito anterior. Nosso objetivo era produzir um volume que ajudasse a tornar a teoria e a análise socialistas realistas, e o ativismo socialista mais enfocado e coerente, uma necessidade mais urgente do que nunca nos primeiros anos do novo século marcado pela globalização liderada pelos Estados Unidos (EUA) e por uma forma nova e mais descarada de imperialismo.

A necessidade de uma teoria que pudesse dar conteúdo à prática é especialmente urgente em tempos de transformações rápidas e abrangentes como as que experimentamos atualmente. Talvez a divisão arbitrária do tempo em séculos faz com que qualquer “mudança de século” pareça um momento de mudança excepcional, mas é curioso que tantos pensadores socialistas tenham tido exatamente a mesma sensação há cem anos, quando o imperialismo também era um foco principal de suas preocupações. Muitos não-marxistas e marxistas consideraram naquele momento que o capitalismo mundial estava em estado de refluxo, ou de crise, e que o imperialismo era o momento que o redefiniria. A gama de pensadores partici-

pantes daquele momento, e a amplitude do trabalho que empreenderam, deviam ter-nos advertido para não nos aproximarmos de modo leviano da tarefa similar que nos propomos enfrentar cem anos mais tarde, porém foi somente quando começamos a pedir contribuições que nos demos conta de até que ponto esta era uma tarefa para muitos volumes e para muitos autores. Nossa resposta foi decidir que ao menos poderíamos dedicar dois volumes sucessivos ao tema.

O título do *Socialist Register 2004*, “O novo desafio imperial”, refere-se não apenas aos novos desafios ao bem-estar e à autodeterminação humanos postulados pelo imperialismo dos EUA hoje, mas também ao desafio para a esquerda de desenvolver uma teoria melhor do imperialismo e de sua relação com o capitalismo globalizado. O *Socialist Register* de 2005, experimentalmente intitulado “O império reloaded”, explorará a cartografia do imperialismo contemporâneo —sua natureza e seu impacto em diversas regiões do mundo— com ênfase especial nas finanças e na cultura.

Nossa decisão de nos aproximarmos do tema do imperialismo tornou-se mais que oportuna devido aos fatos que se sucederam. A declaração de “guerra contra o terror” de Bush depois da destruição do World Trade Center, seguida pela auto-atribuição, por parte dos EUA, do direito de iniciar “guerras antecipatórias”, reflete o seu poder militar sem rival, expresso por um governo de direita com ambições globais sem antecedente e disposto a empregar tal poder sem pensar nem um pouco nas conseqüências de seus atos. Isto exige uma avaliação urgente e realista, especialmente, uma vez que os EUA também estão desenvolvendo rapidamente armamentos cada vez mais devastadores, incluindo armas baseadas no espaço que, como friamente assinala Noam Chomsky em seu ensaio neste volume, “bem podem conduzir os experimentos da biologia com a inteligência humana a um final ignominioso”. Na verdade, fazer guerra —seja por parte dos próprios EUA como dos estados para os quais se exportam armas dos EUA— parece quase ter-se transformado em uma manifestação “natural” do capitalismo estadunidense.

Sua lógica não é nova. Em seu estudo do bombardeio em massa aliado da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, *On the Natural History of Destruction*, W. G. Sebald descreve como a campanha de bombardeio foi produto de uma vasta mobilização técnica e organizativa que adquiriu seu impulso próprio e implacável, descartando a crescente evidência que dizia que, apesar de seu custo incontável em vidas civis e da destruição total de cidades alemãs, seria militarmente ineficaz. O pessoal implicado, de trabalhadores de fábricas de armamentos até as próprias tripulações dos bombardeiros, somente podia inserir-se naquelas operações sobre a base de aceitar, de um modo ou de outro, que todo o processo era de alguma maneira natural. Sebald cita a reação de um oficial da Força Aérea dos EUA, Brigadier Frederick L. Anderson, entre-

vistado por um jornalista alemão em Halberstadt em 1952. Ao ser perguntado se teria feito alguma diferença se a cidade tivesse hasteado uma gigantesca bandeira branca de rendição no alto da torre mais elevada de suas igrejas, Anderson respondeu que as bombas eram “artigos caros”; “na prática”, disse, “não se podia tê-las jogado sobre montanhas, ou sobre campo aberto, depois de se ter tido tanto trabalho para fabricá-las em nosso país”. Ninguém que contemplates a concentração de um avassalador poder militar estadunidense no Golfo Pérsico, em 1991 e novamente em 2003, poderia duvidar que uma lógica similar estivesse novamente presente hoje. Não é fácil fingir que não se entende a pergunta final de Sebald: se as catástrofes humanas produzidas tão regular e previsivelmente por esta lógica impulsionada pela indústria não deveriam ser consideradas “antecipações” do “ponto em que abandonaremos o que durante tanto tempo pensamos que era nossa história autônoma e retornaremos à história da natureza”.

Não cremos que um desenlace tão cataclísmico seja inevitável. Dá-nos alento o artigo muito citado sobre o novo império estadunidense que Eric Hobsbawm desenvolveu no número de junho de 2003 do *Le Monde Diplomatique*, o qual conclui com a idéia de que “a única coisa de que estamos absolutamente seguros é que historicamente será um fenômeno temporário, como todos [...] os demais impérios o foram”. Obviamente, derrotá-lo em seu devido momento dependerá da capacidade da esquerda de identificar as contradições –econômicas, políticas e ambientais– do imperialismo do século vinte e um, e de desenvolver contra-estratégias eficazes à luz de tais contradições. A menos que a esquerda possa fazer isso, a resposta principal pode se originar cada vez mais –e cada vez mais tragicamente– em elementos reacionários e atávicos. Isto se deve a que, apesar de seu aparente poder avassaladoramente opressivo, o imperialismo estadunidense é afetado por sérios problemas. Um deles é o simples custo, mesmo para os EUA, de manter o poderio militar exigido por suas novas ambições imperiais. Outro é a parca probabilidade de constituição de uma ordem mundial total –pró-EUA, consumista, apoiada de maneira estável sobre um verniz de democracia eleitoral– que o governo de Bush parece ter em vista, e a natureza contraprodutente do emprego da força bruta para conseguir este objetivo político pouco provável. Ainda mais importante, talvez, seja a deslegitimação que cada vez com maior probabilidade afetará todos os governos nos quais os EUA devem apoiar-se para governar seu império mundial. Encontrar formas de intervir de modo eficaz à luz destas contradições, e desenvolver as capacidades para fazê-lo, é o verdadeiro desafio imperial à humanidade.

Entre nossos colaboradores, Sam Gindin ocupa a Cátedra visitante Parker e Justiça Social na York University, Toronto; Aijaz Ahmad leciona na Faculdade de Estudos Políticos da Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli.

David Harvey forma parte do Centro para o Lugar, a Cultura e a Política da City University de Nova Iorque. Greg Albo ensina Ciência Política na York University, e Noam Chomsky é Professor Emérito de Linguística no Massachusetts Institute of Technology. Amy Bartholomew leciona no Departamento de Direito; e Jennifer Breakspear é estudante de pós-graduação no programa de Estudos Jurídicos do referido Departamento na Carleton University, Ottawa. Michael Klare ensina Estudos sobre a Paz e Segurança Mundial no Hampshire College em Amherst, Massachusetts; e John Saul é Professor Emérito de Ciência Política na York University.

Cada prefácio do *Register* nos últimos quarenta anos tem incluída a advertência de que nem os editores nem os colaboradores estão necessariamente de acordo com tudo o que se publica no volume. Ao apresentarem essa advertência em seu prefácio ao volume de 1964, Ralph Miliband e John Saville explicaram que consideravam necessário esclarecer que o “ponto de vista definido e comprometido” dos próprios editores, que evidentemente coloria sua escolha de colaboradores assim como aquilo que eles próprios escreviam, de nenhuma maneira iria “aprisionar o debate dentro de um marco estreito”. Agrada-nos que a “ampla gama de idéias e argumentos” que esta política tinha como objetivo promover continue caracterizando o *Register*, e em uma não menor medida em seu volume 40, e agradecemos a todos os nossos colaboradores por tornar isto possível.

Queremos também agradecer a Tony Zurbrugg e Adrian Howe na Merlin Press, não apenas por seu árduo trabalho e perícia na edição deste volume, mas por continuar, e inclusive incrementar, a íntima relação entre Merlin Press e o *Socialist Register* estabelecida pelo fundador da Merlin, Martin Eve. Entre as numerosas melhoras que introduziram contam-se desenhos de capa novos e imaginativos, e estamos especialmente agradecidos a Louis Mackay por desenhar uma para este volume que capta brilhantemente aquilo que talvez constitua a característica mais distintiva, mas também mais problemática, do novo império dos EUA: a de procurar governar através de outros estados. Uma nota que ele nos enviou com relação ao tema e a quais bandeiras nacionais deviam ser incluídas na capa expressava-o com bastante justeza: “Parece-me que a ordem imperial a qual se aspira é uma na qual o poder dos EUA não é desafiado, e não é desafiável... Seria preciso que a Coréia do Norte e sua companheira de rota no eixo do mal, França, se curvassem. Creio que a imagem será mais eficiente se incluir países que ainda não são aliados, mas estão destinados a transformar-se em aliados, em um mundo em que os EUA *somente* possuem aliados no nível de estados nacionais. Então os inimigos somente podem estar do lado de dentro”.

Que o *Register* tenha prosperado durante quatro décadas deveu-se ao fato de ter recebido sangue novo com regularidade, em particular com a

inovação de 1996 de incorporar editores adjuntos. Queremos agradecer particularmente a nossos editores tanto adjuntos como externos –incluindo Bill Fletcher Jr, atualmente Diretor Executivo do Fórum Trans-Africano em Washington DC, que se juntou a nós ano passado como novo editor adjunto– por seus conselhos a respeito deste volume. Também estamos especialmente agradecidos a Alan Zuege, um dos nossos editores adjuntos na York University, por manifestar neste volume mais uma vez seu talento excepcional como assistente editorial. Finalmente, gostaríamos de agradecer nosso editor adjunto George Comninel por monitorar a list-serv <socialist-register@yorku.ca> (onde quotidianamente são expostas notas de interesse relativas a temas da atualidade), e Marsha Niemeijer por manter o website do *Socialist Register* <<http://www.yorku.ca/socreg/>>

O quadragésimo aniversário do *Socialist Register* ocorre imediatamente depois do 160º do *The Economist*. Muito antes que o *Register* chegue a essa venerável idade confiamos que tenha se transformado em uma revista do *mainstream* da opinião popular. Ao ingressar em sua quinta década, isso é o que nos mantém a todos firmes na brecha.

Julho de 2003

L. P.

C. L.

